

Prefácio

Há encontros que não começam com palavras começam com olhares.

E há histórias que não nascem da certeza, mas do acaso silencioso de dois destinos que se cruzam no momento exato em que mais precisam um do outro.

Todas as manhãs, Inês senta-se junto à janela do comboio, como se aquele lugar fosse mais do que um simples assento como se fosse um refúgio. Lá fora, as paisagens passam apressadas, mas dentro dela o tempo parece suspenso, carregado de pensamentos que nunca chegam a ser ditos. A sua rotina é feita de silêncios, de pequenas observações, de uma vida que segue em frente sem grandes sobressaltos... pelo menos à superfície.

Até ao dia em que Miguel entra naquele mesmo comboio.















Ele carrega consigo histórias que nunca escreveu, palavras que se perderam antes de ganharem forma. Um escritor bloqueado, preso entre o que sente e o que não consegue transformar em texto. Mas, ao olhar para Inês pela primeira vez, algo muda. Como se, naquele instante, o mundo voltasse a fazer sentido ou pelo menos começasse a pedir para ser contado.

Entre estações, olhares tímidos e conversas que surgem sem aviso, nasce algo inesperado. Uma ligação feita de fragmentos: confidências sussurradas, risos leves, silêncios confortáveis. No espaço breve de uma viagem, dois desconhecidos começam a partilhar mais do que palavras partilham partes de si mesmos.

Mas nem todas as histórias são simples. Nem todos os encontros são eternos.

À medida que os dias passam, segredos emergem, sentimentos crescem e o tempo esse viajante implacável começa a cobrar o seu preço. Porque amar, às vezes, é também aprender a perder. E escrever, por vezes, é a única forma de não deixar alguém desaparecer completamente.

Esta é uma história sobre encontros e despedidas, sobre aquilo que dizemos... e tudo o que fica por dizer. Sobre um amor que nasceu entre estações e sobre o livro que ficou para sempre por terminar.

-  **Capítulo 1 — A Rapariga da Janela**
-  **Capítulo 2 — O Escritor Sem Palavras**
-  **Capítulo 3 — A Primeira Conversa**
-  **Capítulo 4 — Histórias Entre Estações**
-  **Capítulo 5 — O Segredo de Inês**
-  **Capítulo 6 — Quando os Corações Começam a Viajar**
-  **Capítulo 7 — Um Livro por Escrever**
-  **Capítulo 8 — Dias de Luz**
-  **Capítulo 9 — A Tempestade**
-  **Capítulo 10 — O Silêncio das Estações**
-  **Capítulo 11 — O Último Verão**
-  **Capítulo 12 — A Última Viagem**
-  **Capítulo 13 — O Livro de Inês**
-  **Capítulo 14 — A Estação do Adeus**

Capítulo 1

A Rapariga da Janela

O comboio partia sempre às oito e dez da manhã.

Era um horário que Inês conhecia tão bem quanto o ritmo do próprio coração. A estação ainda estava envolta na quietude das primeiras horas do dia quando ela atravessava a plataforma com passos tranquilos, segurando a alça da sua pequena mala e um livro que raramente terminava.

Gostava de começar livros.

Era como começar vidas novas.

A manhã daquele dia estava particularmente luminosa. O sol nascia lentamente por trás das colinas, pintando o céu com tons suaves de dourado e rosa. Os trilhos brilhavam como duas linhas intermináveis que prometiam caminhos desconhecidos.

Inês parou por um instante antes de subir para o comboio.

Respirou fundo.

Havia algo naquele momento naquele silêncio antes da partida que lhe dava uma sensação estranha de liberdade.

Como se cada viagem fosse uma pequena fuga do mundo.

O apito do comboio ecoou pela estação.

As portas abriram-se.

E ela entrou.

Os passageiros habituais já estavam nos seus lugares: o senhor de fato cinzento que lia o jornal todos os dias, a mulher que trabalhava no hospital da cidade vizinha, e o velho senhor Augusto, que parecia conhecer cada pessoa que passava por ali.

Inês caminhou pelo corredor até ao seu lugar preferido.

A janela do lado esquerdo.

Sempre a janela.

Sentou-se e pôs o livro no colo, mas não o abriu imediatamente. Primeiro gostava de observar o mundo lá fora.

As árvores que se inclinavam suavemente com o vento.

Os pássaros que cruzavam o céu sem destino aparente.

E as pessoas na plataforma, cada uma carregando os seus próprios pensamentos.

Para Inês, o comboio não era apenas um transporte.

Era um refúgio.

Ali dentro, entre o som constante das rodas nos trilhos e o balanço suave da viagem, ela encontrava algo raro: silêncio interior.

O comboio começou a mover-se.

Lentamente primeiro.

Depois com mais confiança.

Os trilhos cantavam uma melodia antiga enquanto a paisagem começava a deslizar pela janela.

Inês encostou a cabeça ao vidro frio e sorriu.

A vida nunca tinha sido fácil para ela. Havia dias pesados, momentos difíceis e sonhos que pareciam distantes demais.

Mas ainda assim...

Ela acreditava.

Acreditava que cada novo dia trazia consigo alguma coisa boa.

Talvez um encontro inesperado.

Talvez uma pequena alegria.

Ou talvez apenas um instante de paz.

Enquanto o comboio avançava, alguém entrou na carruagem e procurou um lugar para se sentar.

Era um homem de cerca de trinta e poucos anos, com o rosto cansado e um olhar que parecia carregar demasiados pensamentos.

Trazia um caderno nas mãos.

E um silêncio que parecia mais pesado do que qualquer mala.

Chamava-se Miguel.

E naquele momento ele ainda não sabia...

Mas aquela viagem iria mudar completamente a sua vida.

Porque, naquele comboio, sentada junto à janela, estava a pessoa que iria devolver-lhe aquilo que ele pensava ter perdido para sempre.

A inspiração. E talvez algo ainda mais perigoso. O amor.

